



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

O GUERREIRO MEDIEVAL DO SÉCULO XII.

VITORINO, Pedro

Ano: 1940 | Número: 50a

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, O guerreiro medieval do século XII. *Revista de Guimarães*, Volume especial comemorativo dos Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal, 1940, p. 11-16.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



2197

D. AFONSO HENRIQUES

Gravura de Rousseau, na "Historia Genealogica da Casa Real Portugueza,, de D. António Caetano de Sousa. Lisboa, 1735. Vol. I, pág. 50.

O : GUERREIRO : MEDIEVAL DO : SÉCULO : XII

PELO DR. PEDRO VITORINO

DIRECTOR DA REVISTA «PORTUGALE»



FIGURAÇÃO icónica do guerreiro nos nossos monumentos dos princípios da monarquia pode reputar-se escassa. Tendo sido a nacionalidade portuguesa principalmente cimentada pelo esforço militar de D. Afonso Henriques e dos seus devotados companheiros de armas, é para notar que a iconografia do tempo não nos dê exemplos bastantes de guerreiros representados com os seus trajes de combate. Só raramente os vemos, intermeados na decoração de uma ou outra igreja românica, mais como elemento decorativo do que com o intuito de memorar certos episódios de guerra ou de determinados perso-

nagens históricos. Mesmo nas sepulturas da época essa figuração falta. Se é certo que antes do século XII os sarcófagos com estátuas não estavam em uso na França ⁽¹⁾, a introdução dessa espécie entre nós foi tardia.

Os sarcófagos dos dois primeiros reis, em Santa Cruz de Coimbra, não passavam de vulgares arcas de pedra, cobertas com uma simples tampa. Só D. Manuel, depois da sua visita em 1502, por as achar mesquinhas, se lembrou de lhes erguer os magníficos túmulos que hoje admiramos.

De idêntica forma era a jazida do Conde D. Henrique na capela da Sé de Braga, mandada expressamente construir por D. Afonso Henriques para recolher os corpos de seus pais, «hum moimento de pedra marmore assaz chão ⁽²⁾», antes do

(1) Arthur Murcier, *La sépulture chrétienne en France*. Paris, 1855, p. 43.

(2) *Archeologia. Manuscritos*, por Luiz Ribeiro, in «A Península», vol. I, 1852, N.º 41.

Nas obras de restauração a que se procede agora na antiga Capela dos Reis, foram postos a descoberto dois arcos sólidos, ligados, que abrigaram primitivamente os sarcófagos do Conde D. Henrique e de D. Teresa; tinham ambos eles supedâneos ornados de arcaturas visigóticas, que puderam ser reconstituídos.

REVISTA DE GUIMARÃES

actual túmulo renascença, com figura jacente, feito em 1513 pelo arcebispo D. Diogo de Sousa.

Os túmulos dos cavaleiros do século XI e XII que ainda subsistem nos antigos mosteiros são de grande singeleza; assim, o de D. Muninho Viegas, o Gasco, sepultado em Vila-Boa-do-Bispo (A. D. 1022), e o de D. Muninho Moniz, em Arnoia (A. D. 1124), e tantos outros, têm apenas a inscrição, acompanhada ou não de uma simples espada. As figurações icónicas só aparecem no século XIII, sendo uma das primeiras, entre nós, a que se acha no túmulo de D. Rodrigo Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, no claustro de Grijó.

Como excepção depara-se-nos a sepultura de Egas Moniz, em Paço de Sousa; mas aí, também, não vemos qualquer estátua, porém o desenvolvimento iconográfico de cenas da vida do sepultado. Contudo, nenhuma das figuras desse curiosíssimo monumento nos mostra o traje militar da época.

∞

Nos monumentos românicos de Entre-Douro-e-Minho, pouquíssimas vezes encontrámos a figuração do guerreiro vestido de armas. Que-me lembre, apenas em dois dêles se regista: no antigo portal de Vilar-de-Frades e na igreja de Rio-Mau. Ainda, um capitel historiado que pertenceu à primitiva igreja de Amorim (Póvoa-de-Varzim) mostra uns guerreiros levando dois mouros aprisionados; encontra-se no Museu Municipal do Porto (1).

Vilar-de-Frades oferece-nos nada menos de três guerreiros, dois a cavalo, um dêles com lança, e outro a pé. Encontram-se na arquivolta exterior do portal,

(1) Talvez que estas figuras não sejam destituídas de significado. O guerreiro pode ter certa relação com o conde Rolando, herói medieval que a *Canção de Rolando* popularizou; a sua figura parece estar esculpida numa pedra da igreja românica de Nossa Senhora da Regra, em Limoges. Um poema da mesma época, a *Canção de Ferrabraz*, relata a luta dos cristãos contra os sarracenos de Espanha.

Os jograis, que divulgavam as canções entre o povo, no caminho da peregrinação a Santiago da Galiza, às portas dos templos, teriam inspirado os artistas esculptores nos seus trabalhos de decoração. «Ces musiciens, diz Émile Mâle, ces interprètes des poètes, ces équilibristes même, tenaient tant de place dans la vie des hommes d'alors qu'on ne s'étonne pas de les rencontrer dans nos églises romanes». (*L'Art Religieux du XII^e siècle en France*, Paris, 1928, p. 304 seg.). Idênticas figuras se encontram na decoração das nossas igrejas românicas mencionadas: Em Vilar-de-Frades vemos um tocador de viola de arco e três mulheres a bailar; em Rio-Mau encontramos num capitel do arco triunfal, dois tocadores, um de trompa, outro de viola de arco, figura esta que se repete num dos modilhões da parte do meio-dia.

O capitel de Amorim exemplifica, sem dúvida, a luta da reconquista: um cavaleiro cristão, de espada erguida, segura pela cabeça um mouro, enquanto os companheiros, ao som de trompas, levam outro mouro aprisionado.

O GUERREIRO MEDIEVAL

que arranca dos pés direitos, na terceira e quinta aduelas do lado esquerdo e na quarta aduela do lado oposto. (Fig. 1. A, B e C.)

O guerreiro de Rio-Mau ornamenta o capitel do colunelo da janela testeira da capela-mor, à direita.

A indumentária apresentada é a mesma; cabeça protegida por um elmo em forma de pirâmide, escudo em amêndoa, e vestidura até meio da perna; na mão direita a larga espada ou a lança.

80

Não será desacertado aproximar estes tipos de guerreiros daqueles que se vêem na Tapeçaria chamada da Rainha Matilde, onde está figurada a conquista da



Fig. 1 — Aduelas com guerreiros, do portal românico de Vilar-de-Frades

Inglaterra pelos Normandos, nos meados do século XI, precioso documento iconográfico que pertenceu à catedral de Bayeux (1).

O traje dos soldados que figuram nos nossos monumentos e o daqueles que estão representados nessa célebre Tapeçaria, é semelhante.

(1) Está hoje exposta no Museu, em frente à Catedral, abrigada numa longa vitrina em forma de E. A Tapeçaria, que tem 70,34 de comprimento por 0,50 de altura, apresenta em 53 cenas, tendo cada uma o seu número e a sua inscrição latina, os factos que precederam a vitória de Hastings (1066). Além das cenas históricas, na bordadura, encontram-se fábulas de Esopo, aspectos da vida do campo e espécimes do bestário da Idade-Média. Tive já a dita de admirar este pano famoso, de linho, bordado à agulha, cujas cores são ainda vivas. Recentes historiadores da Tapeçaria concedem à rainha Matilde, mulher de Guilherme, o Conquistador, o mérito de ter bordado ou mandado bordar o célebre pano.

REVISTA DE GUIMARÃES

Observa um autor (1) que alguns dos escudos reproduzidos na Tapeçaria são dotados de correias, para se poderem suspender do pescoço; é o que se verifica claramente no guerreiro a pé, de Vilar-de-Frades. No seu estudo anota ainda o mesmo arqueólogo que a forma do escudo da Tapeçaria é diferente do escudo francês do século XII. Trata-se do tipo normando usado no tempo do ataque à Inglaterra por Guilherme, o Conquistador (1066).

A este respeito, o Barão de Roujoux (2), põe em evidência a semelhança desses escudos com os que nos mostram alguns bronzes sicilianos (estatuetas) da mesma época. A forma do escudo, redondo em cima e pontegudo em baixo, cobrindo um homem, foi imitada pelos Normandos; acrescentarei que estes em 1060 conquistaram a Itália meridional e a Sicília; a origem está patente.

No guerreiro esculpido nas nossas igrejas românicas do século XII, o tipo do escudo apresentado é, pois, do século anterior (3).

A espada ajusta-se à descrição que nos fornece G. Demay (4): «A la fin du onzième siècle et pendant le douzième, l'épée apparaît sur les sceaux avec une lame courte, large au talon, à pointe formée par la diminution insensible de la lame, allégée par une gorge d'évidement qui, partant du talon, la parcourt dans presque toute sa longueur. La croix de la poignée, les *quillons* sont droits, quelquefois recourbés vers la pointe, ou enroulés à leur extrémité; le pommeau est plat et circulaire. Telle est l'épée dite normande».

Do tipo normando é a espada que empunham dois dos cavaleiros do Comentário ao Apocalipse, de Lorrão, códice iluminado do século XII, existente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

A espada e a lança só eram usadas pelos homens livres, e uma e outra cabiam quer à Infantaria quer à cavalaria. A espada que se nos depara nas esculturas é de dois fios.

O elmo (5) ou capelina, na figuração dos nossos guerreiros, difere daquele que

(1) H. F. Delauney, *Origine de la Tapissérie de Bayeux*, Caen 1824, p. 41.

(2) *Histoire Pittoresque de l'Angleterre*, Paris 1834, I, p. 193.

(3) O escudo francês do século XI acha-se assim descrito na obra *Le Costume Historique*, de A. Racinet: «Le bouclier, qui a la forme allongée d'une amande, en pointe par le bas, en rond par le haut, enveloppait le corps de sa convexité. On le suspendait au cou par une corroie, la *gauge* ou *gulche*, et on le portait, la pointe en arrière, sur l'épaule gauche; les énarms dont ce bouclier était pourvu formaient un rectangle dans lequel on passait la main. Cette arme défensive était en bois, recouverte de cuir maintenu par une garniture de fer; le bouclier était matelassé et piqué à l'intérieur, souvent peint, et orné de figures qui n'étaient pas encore des armoiries, mais un signe de reconnaissance».

(4) *Le Costume au Moyen Âge d'après les sceaux*, Paris 1880, p. 149.

(5) «Elmo, nome genérico da peça que defendia a cabeça: quando tinha cimeira, isto é, algum adorno no cimo, chamava-se-lhe *murrião*; quando era liso e sem adorno, davam-lhe o nome de *bacinete*». *O Panorama*, 1837, p. 218.

Estes dois tipos encontram-se nas esculturas de Vilar-de-Frades.

O GUERREIRO MEDIEVAL

se vê na Tapeçaria; é o capelo de ferro simples, antecessor do outro provido de nasal, chamado normando, que persistiu durante todo o século XII.

A vestidura ou loriga ⁽¹⁾, como as figuras evidenciam, descia abaixo do joelho, e era de pele, ou de estôfo com várias dobras, reforçada com anéis ou placas circulares de ferro batido, tangencialmente colocadas ⁽²⁾; êste pormenor não o evidenciam, na sua rudeza, as esculturas.



Fig. 2 — Tapeçaria de Bayeux (fragmento)

3202

Um pequeno fragmento da Tapeçaria de Bayeux (Fig. 2) bastará para nos mostrar os soldados normandos quando da investida à Inglaterra no século XI.



A feição normanda ⁽³⁾ do traje dos guerreiros afonsinos, expressa nas esculturas românicas, compreende-se perfeitamente pelas ligações de família do Conde

⁽¹⁾ «Fabricada primeiramente de loros, ou corréas de couro cru (d'onde lhe veio o nome) de tal modo entretecidas, que ficavam impenetráveis; ao depois, e entre os Portugueses, se usaram Lorigas cobertas de laminas, aneis, ou escamas de ferro». Viterbo, *Etucadrio*, s. v. Loriga.

As lorigas também foram designadas por cambuses ou perpontes. Henrique Lopes de Mendonça, *Achegas para um vocabulário de indumentaria arcaica*, in «O Archeologo Português», vol. XXVIII, p. 81.

⁽²⁾ Os franceses chamavam-lhe *broigne* ou *brogne*; feita de malha de metal, tinha o nome de *haubert*. J. Quicherat, *Hist. du Costume en France*, Paris, 1875, p. 132.

⁽³⁾ Na arca de «San Millán» do Mosteiro de Yuso (Espanha), um dos baixos—relevos em marfim que representava Leovigildo na tomada de Cantábria, mostra êste rei, a cavalo, com armas inteiramente do tipo normando. Fim do século XI. José Ferrandis, *Marfiles y azabaches españoles*, Barcelona 1928, lam. XLIX.

Também na miniatura do «Testamento do rei Afonso, o Casto», inserto no chamado «Livro gótico», da Câmara Santa de Oviedo, mandado fazer pelo bispo D. Pelaio, pouco antes de 1129, vê-se Afonso II em oração, e atrás d'êle, um pajem com a espada e o escudo do monarca, que são do tipo indicado. *La Camara Santa de La Catedral de Oviedo*, por D. José Amador de los Ríos (Monumentos Arquitectonicos de España) Madrid 1887.

Eram as armas em uso na Península, pelos cristãos nessa época.

REVISTA DE GUIMARÃES

D. Henrique, nascido em Besançon, oriundo do condado de Borgonha, «e çobrinho de Guilherme, ho bastardo, Duque de Normandia que por seu grande ualor, veo a ser Rei de Ingraterra, filho de sua irmãa Allisa (1)».

Guilherme, o Conquistador, foi o herói da tomada da Inglaterra em 1066, cujos fastos portentosos, em ingénuas mas expressivas composições figuradas, a famosa Tapeçaria de Bayeux tornou lembrados através dos séculos.



(1) «Compendio historial dos Reis de Portugal». Ms. da livraria da casa dos Ribeiros de S. Eulália. *Archeologia*, por Luís Ribeiro. «A Península», 1852, n.º 41.